



Está sendo reeditado no Campus de Bauru o filme e o livro “O médico e o Monstro”, cujas personagens são 90 funcionárias(os) do HRAC, desvinculado da USP em 2014, na gestão ZAGO, cujo hospital foi cedido à Secretaria de Saúde do Estado, que criou o HCB – Hospital das Clínicas de Bauru, que servirá a uma Faculdade de Medicina “fantasma”, pois ainda não foi criada, e cedeu a gestão para a FAEPA – Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Assistência do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, que sempre foi comandado pela turma da burocracia acadêmica que hoje administra a USP.

Neste processo, o DRH da USP- gestão democrática e do diálogo- sem conhecer sequer a “linha de produção do HRAC” *in loco*, obrigou os 526 funcionários (com certeza sem ouvir a vice-reitora, pois a maioria são mulheres, mães e com famílias constituídas) a assinarem um Termo de Anuência, unilateralmente, concordando em tornarem-se funcionários da FAEPA, mas continuam sendo pagos pela USP.

Aliás, o RH da USP não disse até agora a que veio, mas não foi para humanizar nada e sim para aplicar a política de sustentabilidade econômica de

ZAGO, aprofundando a política de universidade mínima sobre os recursos humanos da USP, sem atender a nenhuma das reivindicações dos trabalhadores, contemplando apenas os interesses escusos das Fundações.

A FAEPA é constituída em grande parte pela burocracia acadêmica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão, que com conflitos de interesses no serviço público, já anunciam a criação de uma Clínica Civil junto ao HCB (Hospital das Clínicas de Bauru), que sequer começou a funcionar. Clínica Civil é uma clínica “particular” junto ao hospital, que cobrará consultas no valor de até R\$1000, destinadas a quem tem dinheiro para pagar e furar a fila do SUS, para ter atendimento médico terciário e de alta complexidade, enquanto aqueles que não possuem dinheiro morrem na fila de espera.

A FAEPA é administrada por um “pau mandado”, cujo “assédio moral” está fazendo parte do processo de transição, ou seja, não sabem que assédio moral é crime e pressionaram uma grande parcela dos funcionários a assinarem o tal TERMO DE ANUÊNCIA.

REITORIA PERSEGUE E FAZ “TERRORISMO” NO HRAC

Nesta gestão, foi criada a Pró-reitoria de Inclusão e Pertencimento para cuidar da Saúde Mental da comunidade, o que é falso e contraditório,

pois aos funcionários tudo é negado. O que a reitoria está fazendo com os 90 funcionários (servidores básicos, técnicos e superiores) que se recusaram a

assinar o Termo de anuência, através da resistência e da luta, é “assédio moral coletivo”, que agride a Saúde Mental de qualquer um.

Ontem foi publicado, com assinatura do reitor, o [Ofício GR 396/2022 \(bit.ly/3EUTXHE\)](https://bit.ly/3EUTXHE), ameaçando transferir, com caráter coativo e punitivo, sem direito de opção, com anexos, ditando o número de vagas existentes em Bauru (mínimas) e outros Campi, como Lorena e EACH, dando um ultimato aos trabalhadores: quem não aderir ao Termo para trabalhar na FAEPA, será transferido arbitrariamente, mas para esconder esta arbitrariedade, cita preenchimentos de formulários e critérios, como idade e tempo de USP, para os trabalhadores concorrerem um com o outro! Reitoria utiliza Maquiavel: - “dividir para governar”.

Este Termo sofreu mudanças de prazo inúmeras vezes, dado a resistência dos servidores: primeiro foi 14/9, depois 30/10 e agora depois do “falso diálogo” e repressão, foi para 28/11.

Inclusive o reitor esteve em Lorena ontem e prometeu ao diretor daquela Faculdade, a “disponibilidade” de 60 funcionários da área de Saúde de Bauru, para serem transferidos para aquele Campus. Quem o reitor quer enganar? O Diretor de Lorena ou os funcionários do HRAC, que estão sendo pressionados para aceitarem trabalhar na FAEPA, fundação que a turma de Ribeirão tem ligações profundas?

É bom lembrar que o Campus de Bauru necessita de profissionais de saúde na FOB, Fonoaudiologia, UBAS, SESMET (que não existe) e Faculdade de Medicina, segundo os seus administradores, mas o reitor tem interesse em que os 526 funcionários do HRAC (que ainda resiste e existe com vários Convênios de pesquisas, inclusive internacionais) para engrossar o quadro de funcionários da FAEPA, a fim de que esta lucre o suficiente para poucos enriquecerem.

Na verdade, a reitoria adota processos de política de RH que estão trazendo insegurança aos empregos públicos, em prol das fundações, gerando problemas de saúde mental, em muitos servidores, principalmente nas mulheres que possuem dupla jornada de trabalho, com família e muitas vezes pais idosos a cuidar. **Perguntamos:** As servidoras mulheres que durante décadas dedicaram-se ao Centrinho/HRAC, tem algum valor para o Prof. Carlotti? Já imaginaram a Profa. Maria Arminda depois de décadas prestando relevantes serviços a FFLCH ter que ir prestar serviços à USP em Lorena, Faculdade de Engenharia Química, se ela sempre foi socióloga? Seria uma aberração na gestão de recursos humanos!

Será que a Pro-Reitoria de Inclusão e Pertencimento da USP existe de fato e é governada por uma mulher e esta mulher tem conhecimento da vivência persecutória e repressiva que as servidoras do Centrinho hoje vivenciam?

ORIENTAÇÃO DO SINTUSP

O Departamento Jurídico do sindicato estará aberto para orientações caso a caso, bem como outras medidas a serem tomadas coletivamente.

As(os) companheiras(os) devem analisar a situação familiar e função, tomando a decisão se assina ou não o Termo de Anuência até o dia 25/11. Se decidirem assinar, não desistirão da “resistência”, pois diante de uma gestão que não valoriza os seus recursos humanos e se utiliza de perseguição e intimidação, todos que lutam serão grandes guerreiras(os). “Todo homem ou mulher que se levanta para lutar é vitorioso”.

O SINTUSP elaborou um Manifesto, que será encaminhado para os organismos do mundo acadêmico e da sociedade, denunciando os “mercadores da saúde” e a política que está sendo implementada na área de saúde da USP, que cria desigualdade social e enriquece poucos, em detrimento da vida e da saúde de muitos, desviando

dinheiro da USP para Fundações privadas, contribuindo para a privatização da Saúde e do SUS;

Seguiremos elaborando a crítica da falsa política de Inclusão e Pertencimento, inclusive combatendo o “assédio moral coletivo”, o que nunca nenhuma gestão da USP fez com seus trabalhadores e trabalhadoras, e que hoje estamos vivenciando!

A Luta continua!!!! Resistência e radicalidade nas lutas definirão nossas vitórias. Avante companheiras(os), a luta de classes continuará e estaremos todas(os) unidas(os) para derrotar aqueles que não reconhecem a existência de mulheres e homens na construção desta universidade e enxergam apenas \$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$

Sigam acompanhando os nossos Boletins!!!

REINTEGRAÇÃO DO BRANDÃO E RETIRADA DOS PROCESSOS!

Sede Fernando Legaspe (Fernandão) Av. Prof. Almeida Prado, 1362, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo-SP, CEP:05508-070 - Tel: 3091 4380/4381 - 3814-5789- email: sintusp@sintusp.org.br – site: www.sintusp.org.br